

A família vem produzindo vassouras de palhas de Ouricuri, como uma nova possibilidade de gerar renda, e continua guardando sementes em garrafas *pet*, (feijão, milho, couve, coentro, alface, pimentão e pimenta) para não ter maiores custos comprando novas sementes.

O resultado de tanto trabalho e persistência fez com que a família conquistasse seis bovinos, sendo, uma vaca de leite e cinco garrotes; seis caprinos, três fêmeas e três machos; na horta plantam coentro, couve, alface, pimentas, pimentão no pomar o casal tem mangueira, umbuzeiro, pés de mamão, de pinhas, mexericas e uma goiabeira. Na propriedade criam aproximadamente vinte galinhas; têm uma barragem e pasto nativo, e cultivam palma, milho, batata, macaxeira e feijão.

Os resultados puderam ser alcançados devido à persistência, informação e participação regular do casal no STTR, Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais e Pescadoras de Alagoas-MMTRP/AL, e em algumas instituições, porque puderam aperfeiçoar aos poucos o agroecossistema.



**Os valores humanos construídos entre D. Vânia e Seu José possibilitaram um futuro próspero em família e na produção alimentar.**



**“Nós que somos agricultores não podemos morar na rua, sem emprego, sem ter as coisas de plantar, não dá para mim”  
(Seu José)**

# O Candeeiro

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Ano 12 • nº 2346  
Junho / 2018

Mata Grande



Alagoas

## “Vamos fazer vida nós dois?”

Essa é a história de uma mulher resistente às mazelas do mundo e que vê a fé como seu principal motor gerador de esperança. A resistência dessa mulher nos leva a pensar na valorização da família, do amor ao próximo e da solidariedade, diante de toda a sua vontade em oferecer o melhor para seus filhos.

O relato de D. Maria Edvânia, conhecida como Vânia pela comunidade, remete-se a 1999, quando com seus dois filhos pequenos, Ubermárcia, com nove anos de idade e Uberlândio, com sete anos, decide migrar de Itapetim/PE para a casa dos seus pais em Manari/PE, cidade que faz divisa com o sertão alagoano. Essa migração aconteceu por dois motivos, a fatalidade da morte do seu terceiro filho, que com sete anos teve uma reação alérgica causada pela picada de um maribondo, e as agressões que ela sofria do ex-marido. Os pais de D. Vânia a recebeu com seus filhos, com muito amor, porém revoltados pelos maus-tratos que a filha sofrera calada, não podendo contar aos pais porque tinha medo das ameaças do ex-marido.

“Ele judiou demais de mim”, diz D Vânia referindo-se a um tiro que recebeu do seu ex-marido, que pegou nela de raspão. Ela conta que também foi esfaqueada, o que causou um corte profundo em sua mão.

Meses depois, no ano 2000, a vida desdobra-se e monta um novo caminho para D. Vânia, levando-a conhecer Seu José, através do seu cunhado Genecí. Na época Seu Genecí falou para Seu José: “encontrei a mulher certa para você, trabalhadora e esforçada”, afim de estimular o encontro.



Seu José recebeu a notícia com um ar de curiosidade, querendo muito conhecê-la, porque também havia passado por decepções em seu último casamento. Seu José morava com os pais e tinha um filho, Benedito Célio, o qual após a separação morava com a mãe.

O encontro aconteceu em um Domingo, como lembra Seu José do amor à primeira vista “gostei tanto dela, e ela toda no canto, com um ar de tristeza, mas tão bonita”. O encontro gerou tanta felicidade que em menos de dois meses Seu José fez o convite; “eu separado, você separada, vamos fazer vida nós dois?”, e ela não pensou duas vezes, aceitando a proposta. Segundo D. Vânia, seu José é um homem cheio de muitos valores: “foi Deus que o colocou na minha vida”. O que a encantou foi à forma que ele tratava seus filhos, destacando que “ele aceitou meus filhos, sempre os tratou tão bem, parecia que ele era o pai”.

Os dois começaram a vida em união estável e ainda no ano 2000, foram morar em uma casa de taipa que pertencia ao pai de Seu José, na comunidade Xexéu, município de Mata Grande/AL. Na propriedade, começaram a produzir algumas tarefas de feijão e milho, plantando para comer e o pouco que sobrava guardava em garrafas *pet* para plantar no ano seguinte. Mas, eles nunca fizeram corpo mole, sempre trabalhando duro na roça para sustentar a família. Em 2001, Seu José, através de amigos, soube que podia se cadastrar e receber o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Microcrédito Produtivo Rural/PRONAF(B).



O casal foi contemplado com o programa e conseguiu comprar dois garrotes e umas sementes de palmas para aumentar o pasto para os animais.

Em 2002, Seu José recebeu uma proposta de emprego na cidade de Delmiro Gouveia/AL, e ao conversar com D. Vânia decidiram ir morar lá, levando o pouco que tinham. A adaptação na cidade de Delmiro não foi fácil, o trabalho não rendia muito, mas dava para pagar o empréstimo. Em Delmiro, Seu José decide frequentar a Educação para Jovens e Adultos – EJA, no programa Alfabetização solidária. “Sempre quis estudar, mas os meus pais queriam eu na roça, para ajudar o pai no roçado, se não fosse o cacete estava garantido”, relata.

Os dias na EJA foram muito proveitosos e Seu José recorda “que a professora mandou escrever a história da música do Roberto Carlos 'Nossa Senhora', eu escrevi e passei nas provas, fiquei tão feliz. Aprendi a fazer meu nome, andava pelo mundo e sabia ler as placas”. Enquanto isso, D. Vânia escrevia apenas o nome, mas tinha muita vontade de aprender a ler. “Ainda vou aprender a ler, tenho muita vontade de estudar. Meu pai falava, porque o seu estudo é a roça, aprender escrever para quê? Para escrever carta pra namorado, vai não”, conta a agricultora. Mesmo com as dificuldades o casal não perdeu a esperança. A cada desafio, a relação entre eles ficava cada vez mais forte, alimentando suas alegrias e sonhos.

No período de 2003 a 2004, o casal conseguiu ter acesso a outro empréstimo, pelo PRONAF (B). Com o dinheiro compraram mais dois garrotes, e retornaram para a comunidade Xexéu onde ampliaram suas plantações. Para isso, o casal teve que aprender a conviver com a região Semiárida, buscando água na barragem comunitária e açudes vizinhos, usando carrinhos de mão.

Nesse período, o filho mais novo de D. Vânia, Uberlândio, decide morar com seu pai em Itapetim/PE, mas sem deixar o contato com a mãe. A escolha do filho em ir morar com o pai deixa a família triste porque voltaria a viver com o homem que os maltrataram.

Em 2005, a filha, Ubermárcia, já uma moça, começava a namorar, logo em seguida, se casa com um rapaz da comunidade, indo morar com ele. Neste mesmo ano, Seu José consegue adquirir uma moto para facilitar o deslocamento até a cidade e ajudar nas tarefas e D. Vânia tem acesso ao programa Bolsa-Família. Essas aquisições possibilitaram que a família pudesse produzir um pouco mais.



Em 2006, nasce o primeiro neto de D. Vânia, mas infelizmente com poucos dias de vida faleceu. Logo após Ubermárcia e o marido viajam para São Paulo, deixando a saudade no coração de sua mãe, porém feliz por saber que a filha estava fazendo sua vida. No mesmo ano, Seu José faz um terceiro empréstimo pelo mesmo programa, comprando mais dois garrotes e investindo na plantação de feijão. Entretanto, nesse momento, o sonho do casal não era ser grandes pecuaristas, nem mesmo ter grandes áreas para produção, mas comprar sua própria terra para continuar produzindo e realizar o sonho da casa própria.

Em 2007, resolvem vender a moto para comprar sua primeira propriedade, uma terra com oito tarefas. A felicidade tomou conta do casal e no mesmo ano se mudaram.

Ao chegar à propriedade não perderam tempo, arrumaram o cercado, organizaram o espaço para a horta e para as plantações de batatas, macaxeira e árvores frutíferas. Logo, o casal fez brotar alimentos numa terra que só tinha mato, velano e macambira.

Em 2008, por causa do aumento do número de cabeça de gado, o casal resolveu plantar palma, enquanto a plantação não crescia, buscavam capim, palhas e algaroba para alimentar o gado.

1 O programa financia projetos que geram renda para agricultores familiares e assentados rurais

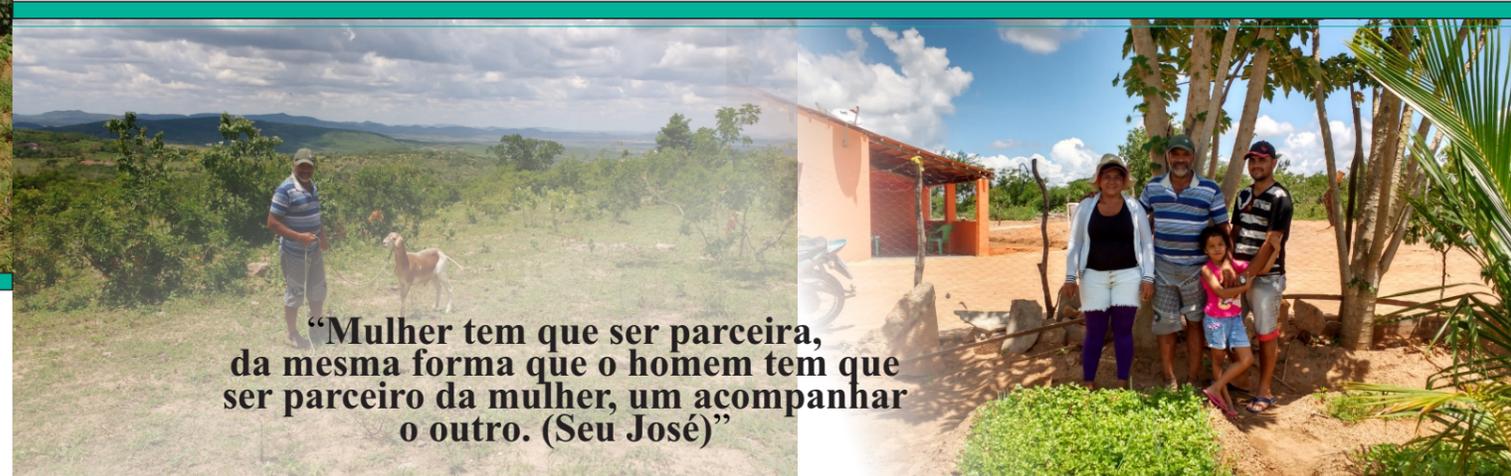


Em 2011, o resultado do trabalho na roça e com as criações provocou um excedente de produção significativo, possibilitando a comercialização de seus produtos na venda porta a porta na comunidade. Em 2012, a força de trabalho combinada do casal, proporcionou acumular recursos suficientes para reformar a casa.

Em 2014, D. Vânia começou a participar das reuniões do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais e Pescadoras de Alagoas (MMTRP/AL), o que contribuiu na sua formação e luta pelos direitos das mulheres.

Neste mesmo ano, o casal teve acesso ao quarto empréstimo pelo PRONAF (B). O recurso foi usado na plantação de palma, mas eles não contavam com uma estiagem prolongada. O casal perdeu parte da produção, mas não deixou morrer as poucas cabeças de gado que ainda restavam.

Em 2015, cadastram-se e começam a frequentar as reuniões do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais/STTR do município de Mata Grande, ocupando um espaço de controle social de políticas públicas, onde puderam ter acesso a informações importantes para inserção em políticas voltadas para a agricultura familiar. Em 2016, o casal teve acesso ao quinto empréstimo pelo PRONAF (B), investindo novamente na produção, comprando dois garrotes e seis ovelhas.



**“Mulher tem que ser parceira, da mesma forma que o homem tem que ser parceiro da mulher, um acompanhar o outro. (Seu José)”**

O ano de 2017 chega repleto de coisas boas para família. Eles tiveram acesso ao Fomento no valor de 2.400 reais através do MMTRP/AL, auxiliando na implantação de um pequeno sistema de irrigação para a horta, mas a família ainda não tinha um reservatório para a água de consumo.

A insegurança hídrica da região, leva o casal a ser contemplado com uma cisterna para água de consumo com a capacidade de 16 mil litros. O objetivo dessa ação foi promover a segurança hídrica da família, obtendo-se uma economia de 300 reais mensais. Essa economia gerou mais um excedente de capital, empregando-se na compra de um carro para ajudar no deslocamento da família e comercialização. A cisterna foi construída pela Cáritas Diocesana de Palmeira dos Índios/AL.

Atualmente, D. Vânia está com 45 anos, Seu José, 54, a menina Ubermárcia com 27 anos e Uberlândio com 23 anos, morando em São Paulo. Ah! Lembram de Benedito Célio? Ele casou, deu uma netinha para Seu José, continua visitando o pai e tem respeito e amor pela madrasta.